

EXPRESSÕES POPULARES: PATRIMÔNIO CULTURAL A SER INCORPORADO PELA ESCOLA

Maria Lucia Vasconcelos*

Resumo: O presente artigo objetiva discutir, sob a óptica da Pedagogia, questões relacionadas com a educação democrática como diversidade e identidade cultural; respeito aos saberes dos educandos; conhecimento e cultura populares. Procura mostrar que é função do professor integrar às atividades escolares os saberes de seus alunos. Tem como ponto de partida uma coletânea de expressões populares da região de Itapeva, SP, constituinte da linguagem oral da população rural e considerada fonte reveladora da cultura regional.

Palavras-chave: Educação; cultura popular; identidade cultural.

Reconhecer a diversidade cultural implica relativizar um pouco o saber e a memória nacional preservada na forma de livro, na forma de obra de arte, de monumentos, de arquivo. Tudo isso é importante, mas tudo isso só ganha sentido ... sentido democrático, quando a gente recria esse saber, ou reapropria esse saber por um discurso, uma fala, uma ação vinculados a um projeto educacional, aberto ao enraizamento comunitário.

(Muniz Sodré)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

■ **O** presente artigo, escrito sob a óptica da Pedagogia, tem como objetivo trazer para o debate a questão – hoje muito presente nas discussões a respeito da educação democrática, que abriga um novo tipo de aluno que, até bem pouco tempo, a escola desconhecia – do respeito aos saberes do educando, “saberes socialmente construídos na prática comunitária [que abarca] a realidade concreta a que se deva

* Pedagoga, doutora em Administração, é professora titular dos Programas de Pós-Graduação em Letras e em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana

Mackenzie e reitora da Universidade de Guarulhos.
E-mail: marialucia.vasconcelos@ung.br

associar a disciplina cujo conteúdo se ensina” (Freire, 1997, p.33), uma vez que é sabido que o conhecimento só ocorre quando mediado pela cultura.

Como uma quase consequência natural, o presente texto, necessariamente, transita também pelas questões da diversidade e da identidade cultural do paulista (grupo produtor das expressões populares aqui trabalhadas), indicando uma pequena faceta de sua rica, variada e múltipla cultura, que aponta para o conhecimento popular, identificado nas expressões da oralidade de um grupo social que, em seu modo de ser (os caipiras de Itapeva), interage e, assim, se comunica, preservando a cultura de sua comunidade.

Este artigo teve origem em uma coletânea de expressões regionais, realizada por um grupo de pesquisadores, moradores da cidade de Itapeva, a quem agradecemos não só pelo trabalho de recolha em si, mas principalmente por seu desprendimento, ao cederem esse trabalho para que pudéssemos “deixar pro beque”¹ e fazer esta divulgação.²

Segundo nos informou Terezinha da Paulina,³ no texto digitado que nos foi entregue, acompanhando a lista de expressões populares que se encontra no final deste texto, a população de Itapeva preserva seus costumes, e a maneira como ali se fala mostra o “jacu, o chapéu atolado”, o caipira paulista que ainda existe em cada um de seus moradores. “Numa frase pequena, com curiosas palavras, expressamos a sabedoria popular de forma sucinta e rica em imagens”.⁴

Ressalve-se, no entanto, que o termo caipira aqui não deve, em hipótese alguma, ter nenhuma significação pejorativa que o relacione com alguém rude, com pouca instrução, um “samongo”. Usamos o termo caipira contrapondo-o a urbano, referindo-nos a todo aquele que é do campo, da roça, do interior. É com esse espírito de respeito e valorização que Terezinha da Paulina busca traçar o perfil psicológico do caipira paulista:

é um casca-grossa de pé no chão, matuto, sempre bem-humorado, irônico às vezes e muito desconfiado do que não conhece, cuja sabedoria se sustenta em vocabulário singular e se alimenta do conhecimento das coisas da natureza, da esperteza dos bichos e, sobretudo, do convívio social oriundo de uma realidade dura, espinhosa, mas ao mesmo tempo extremamente generosa, cantada em verso e prosa pela música sertaneja tocada em viola de dez cordas e enriquecida pela tradição dos contadores de “causos”.

A propósito da cidade de Itapeva, vale mencionar que se localiza na região Sudoeste do Estado de São Paulo, fazendo divisa com os seguintes municípios: Itaberá, Itai, Itararé, Paranapanema, Buri, Capão Bonito, Ribeirão Branco, Apiaí, Nova Campina, Bom Sucesso e Guapiara. A cidade possui hoje 82.866 habitantes, sendo 60.954 residentes na área urbana e 21.912, moradores da área rural. Com área total de 1.830,9 km², Itapeva é o segundo maior município paulista em extensão.

1 As expressões citadas entre aspas podem ser consultadas na lista de expressões ao final deste artigo.

2 Parte do conteúdo deste artigo veio até minhas mãos por vias indiretas, as quais, necessariamente e para ser fiel à realidade dos fatos, devo registrar. A lista de expressões populares que integra o corpo deste artigo foi-me entregue pelo Prof. Dr. Cláudio Lembo, que, por sua vez, a recebera de

Terezinha da Paulina, coordenadora do trabalho de recolha dessas expressões na região de Itapeva.

3 Ao longo deste artigo, sempre que fizermos referência ao texto de que nos foi encaminhado, a autoria será creditada a Terezinha da Paulina.

4 Conforme Terezinha da Paulina.

A cidade foi fundada em 1769, em local onde se instalava uma aldeia de índios catequizados e que era caminho obrigatório de “tropeiros que traziam muares dos pampas gaúchos para comercialização na feira de Sorocaba, página fundamental de nossa história para o desenvolvimento das lavouras da cana e do café, no século XIX”,⁵ em nosso Estado. Itapeva, em tupinambá, significa “pedra chata” (ita = pedra e peva = chata). Tais peculiaridades históricas e geográficas, em especial a condição de pólo regional relativamente isolada de outras grandes cidades e da capital paulista, contribuem para a preservação das expressões populares que, por sua vez, marcam a identidade cultural da região.

CULTURA POPULAR E ORALIDADE

O termo cultura pode ser entendido como “...o conjunto dos modos de vida criados, adquiridos e transmitidos de uma geração para outra, entre os membros de uma determinada sociedade ... é a formação coletiva e anônima de um grupo social nas instituições que o definem” (Abbagnano, 2000, p.228); compõe-se de princípios, comportamentos, atitudes, hábitos, usos, costumes, regras, normas, ritos, cerimônias, valores, crenças, criações, linguagem, idéias e ideais.

Tanto podemos usar o termo cultura para formas sofisticadas da manifestação coletiva de um grupo social, como para “formas de vida social mais rústicas e primitivas. Tem ainda a vantagem de não privilegiar um modo de vida em relação a outro na descrição de um todo cultural” (Abbagnano, 2000, p.229).

Mas é preciso destacar que, apesar de não ter “letras”, largas frações das classes pobres subalternas no Brasil portam uma forte cultura popular. Porque são herdeiras de uma tradição. Apesar de lhes faltar letra e de lhes faltar renda, elas respondem por uma tradição de cultura popular rica e diversificada. (Sodré, 1999, p.19)

Integra (e revela) a cultura de um grupo social, os discursos nele produzidos por seus membros ao se comunicarem, daí a necessidade de vir, a educação formal, a aprender o respeito pelo modo como seus alunos das classes populares se comunicam.

Da mesma forma como se pode classificar a cultura como erudita ou popular, também, lingüisticamente falando, se tem a *norma culta* e a *norma popular*, que não são “estanques, isoladas uma da outra. Ao contrário, ambas se enriquecem mutuamente pelo contato de seus usuários, e ... essa é uma das causas que levam à variação lingüística” (Leite, 2003, p.19).

Não podemos negligenciar o fato de que o ato lingüístico é de natureza social e se dá sempre num processo de interação. Desde Bakhtin, a linguagem somente pode ser entendida como integrada à vida humana e, portanto, social e ideologicamente contextualizada.

Nesse sentido, o enunciado se produz num contexto que é sempre social, entre duas pessoas socialmente organizadas, não sendo necessária a presença atual do

5 Conforme Terezinha da Paulina.

interlocutor, mas pressupondo-se a sua existência. O ouvinte ou leitor é assim um outro – presença individual ou imagem ideal de uma audiência imaginária. Assim, todo enunciado é um diálogo, desde a comunicação de viva voz entre duas pessoas, até as interações mais amplas entre enunciados. O que importa é que é uma relação entre pessoas. (Freitas, 1994, p.135)

A linguagem oral constitui fonte reveladora dos usos e costumes de determinada região, integrando “um contexto mais amplo [e] revelando as relações intrínsecas entre o lingüístico e o social” (Brandão, 1995, p.10). Num país como o nosso, de grande extensão territorial, onde as diferenças culturais são marcantes e variadas, algumas palavras e expressões são características de determinada região e devem ser aceitas como formas legítimas de interação social. Da mesma forma, encontramos diferentes significados para uma única palavra, dependendo de onde esta seja empregada.

Pelas marcas da oralidade, podem-se, inclusive, identificar os integrantes de determinado grupo social, “...os falantes revelam em seu discurso, especialmente pelo léxico, aspectos da cidade onde vivem” (Leite, 2003, p.17) e, pela continuidade de seu uso, certas expressões são preservadas entre os falantes de cada região.

A escola tem que aprender a lidar com a diversidade lingüística de seus educandos, incorporando-a e dela tirando o máximo proveito, assim como deve abandonar o conceito de hegemonia, ditado pelas classes sociais economicamente mais favorecidas, interessadas em garantir “sua liderança perante os grupos dominados” (Apple, 1999, p.41).

As expressões populares, representativas da diversidade lingüística, são marcas da linguagem popular que, apesar de não se encaixarem nos padrões da norma culta⁶ de nossa língua, atuam como elos de ligação a tradições locais, ritos culturais que a comunidade, de modo instintivo, busca preservar por sentir que a língua constitui, dentre tantos, um importante fator componente da identidade social de cada indivíduo. “O sujeito só constrói sua identidade na interação com o outro” (Brandão, 1995, p.62).

Há várias formas de informação que nos permitem chegar à identidade social da pessoa. Algumas são de natureza estática, como os traços físicos, sua postura, seu vestuário ... Outras pessoas marcam sua identidade por características dinâmicas, como movimentos, gestos que indicam autoridade, extroversão, submissão etc. ... A língua falada representa, igualmente, uma das mais imediatas marcas de identidade social. (Prete, 2003, p.48-9)

EDUCAÇÃO ESCOLAR E RESPEITO À IDENTIDADE CULTURAL

Segundo Michael Apple (1999, p.51), as políticas culturais estão profundamente imbricadas na educação, tanto que o currículo

nunca é apenas um conjunto neutro de conhecimentos que, de algum modo, aparece nos textos e nas salas de aula de uma nação. É sempre parte de uma tradição

⁶ Para Leite (2003), “podemos dizer que, sendo a norma o obrigatório lingüístico (o ‘dever-ser’), a norma culta é o obrigatório a que um falante considerado culto tem de se submeter”.

seletiva, da seleção de alguém, da visão de algum grupo do conhecimento legítimo. O currículo é produto das tensões, conflitos e compromissos culturais, políticos e econômicos que organizam e desorganizam um povo.⁷

Sabemos todos que a aprendizagem necessita de terreno fértil, previamente preparado pelo professor, para atingir seus objetivos principais, sabedor de que ela não é um processo individual. Ela ocorre sempre “dentro de um grupo social com vida própria, com interesses, necessidades e exigências que vão configurando uma cultura peculiar” (Pérez Gómez, 2000, p.64). Para tanto, o conteúdo a ser trabalhado pela educação formal deve ter real significado para aquele que aprende.

Dessa forma, é imprescindível que o professor tenha uma correta percepção de seu aluno, de sua identidade cultural, desprendendo-se de preconceitos ou de barreiras desnecessariamente construídas, fatores que ocultam as verdades e dificultam relacionamentos. É preciso reconhecer e aceitar “a experiência da diversidade cultural [...como] a experiência da vivência democrática em seu modo mais radical” (Sodré, 1999, p.23).

Integrar, às atividades escolares, os saberes da cultura popular, trazida para a sala de aula pelos discentes, em seus dizeres, em sua maneira de vestir-se, no gosto e nos hábitos alimentares, nas brincadeiras, é um desafio para o professor que, de repente, se vê diante de um grupo que, não sendo espelho, não reflete a sua própria imagem. Frequentemente, se esquece o professor de que “afinal, o espaço pedagógico é um *texto* para ser constantemente ‘lido’, interpretado, ‘escrito’ e ‘reescrito’ [e] quanto mais solidariedade [existir] entre o educador e educandos no ‘trato’ deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática [ocorrerão]” (Freire, 1997, p.109).

Não raro, nos tempos atuais, quando, no Brasil, a possibilidade de acesso à escola foi ampliado e os alunos oriundos das classes menos privilegiadas foram incluídos em um espaço ao qual não tinham possibilidade de acesso, estes novos educandos têm sido “...comparados negativamente em relação aos filhos da elite, no tocante ao domínio da língua culta. Todavia, o que eles perdem em erudição, ganham em experiência de vida” (De Alva, 2003, p.134).

O que precisa ser ressaltado, no entanto, é que a escola, por despreparo, tem dificuldade para lidar com a riqueza e complexidade da pluralidade cultural do povo brasileiro, e, por essa razão, acaba por tratar como iguais a todos, inibindo a expressão da diversidade, natural em qualquer grupo social e que deveria ser considerado o “caroço” da ação educativa formal.

Desrespeitar os saberes de nosso aluno é desrespeitá-lo como pessoa, é considerá-lo “aguado, carniça”, é perder toda e qualquer possibilidade de diálogo e sua decorrente aprendizagem. A escola, via de regra, peca por ser mera reprodutora da estrutura socioeconômica existente, sem abrir espaço para o multiculturalismo, sem o valorizar em sua riqueza, naquilo que ele tem de melhor.

Aos educadores compete afastar preconceitos e “alimentar a compreensão dos efeitos devastadores do racismo [e de toda forma de discriminação] nos

⁷ Na transcrição desse trecho, uma tradução portuguesa, optamos pelo português como escrito no Brasil.

indivíduos e na sociedade; podem, ainda, promover a crença de que o diferente não implica ser inferior” (Wyman, 2000, p.8). Portanto, acatar os regionalismos, integrando-os com respeito, aos conteúdos lingüísticos que estão sendo estudados pelo grupo, é função de todo professor atento à diversidade cultural de seu grupo de alunos e preocupado em efetivamente promover a formação para o exercício da cidadania.

Sabedores das transformações pelas quais toda língua passa, decidiram os pesquisadores anteriormente mencionados recolher e registrar algumas das expressões de uso recorrente na linguagem da população mais simples da região de Itapeva e que compõem a lista a seguir apresentada. Feliz iniciativa essa, “que mata dois coelhos com uma cacetada só”, uma vez que preservar a memória de um grupo social é, de certo modo, também preservá-lo.

ITAPEVA: ALGUMAS DE SUAS EXPRESSÕES POPULARES⁸

1. “Abotoar o paletó”: morrer.
2. “Afinar”: amedrontar.
3. “Aguado”: pessoa inútil.
4. “Amarelar a sola do pé”: morrer.
5. “Apear”: descer.
6. “Apitar na curva”: morrer.
7. “Ar-de-tiriva”: mal súbito.
8. “Areado”: sem dinheiro.
9. “Argola de laço”: mau pagador.
10. “Arnica”: pessoa que aborrece.
11. “Arrelia”: jogar brindes para o alto.
12. “Baleado na asa”: embriagado.
13. “Bater tigüera”: trabalhar.
14. “Beleza não se põe na mesa”: o que importa não é a beleza.
15. “Bode embarcado”: faceiro.
16. “Boi gordo, capim novo”: a idade não importa.
17. “Bolsa d’água”: pessoa gorda, obesa.
18. “Bom de piumbada”: bom de briga.
19. “Buxo”: antipático.
20. “Cainha”: pessoa avarenta.
21. “Cair de cama”: adoecer.
22. “Calibrado”: levemente alcoolizado.
23. “Capô o gato”: correu, fugiu.
24. “Carniça”: pessoa inútil.
25. “Caroço”: o que há de melhor.
26. “Cascando aio”: estar tranqüilo
27. “Cercando frango”: embriagado.
28. “Cetra”: estilingue.
29. Chamar de “guarda-chuva de polaco”: desacatar, ofender.

⁸ Lista recolhida por Terezinha da Paulina (coordenadora) e Davidson Panis Kaseker, Carlinhos do Cavani, Emerson Maycon Amaral Neves, Helena Maria Aparecida de Oliveira Santos, Roseane Martins Motta, Thaís Araújo Leal, Antônio Benedito da Silva, João Silveira Gomes Filho, Eliseu Albert, Roberto

Comeron, Juliana Oliveira, Euclides Modenezi, Theodorico da Silveira Gomes, Gersi de Almeida Camargo, Augênio Ghering, Hélio Batista, Celso Pimentel, Luís dos Santos Duch, Hélio de Melo, Luciano Vasconcelos.

30. “Chapéu atolado”: caipira.
31. “Chapoletada”: bofetada.
32. “Chééé”: expressão de desânimo.
33. “Chegar o chinelo”: ato sexual.
34. “Cheio de nó pras costas”: orgulhoso.
35. “Chorar amarelo”: demonstrar descaso.
36. “Com parte de tatu sem unha”: manhoso.
37. “Comer a jaca”: vencer.
38. “Comer o toco”: aplicar um corretivo.
39. “Cortar couve”: amedrontar.
40. “Couro grosso”: preguiça, cansaço.
41. “Couro negociado”: ameaçado.
42. “Cravo”: pessoa que aborrece.
43. “Crônico”: pessoa que aborrece.
44. “Cuéra”: o que há de melhor.
45. “Curuguaias”: doenças.
46. “Curva de rio”: pessoa inútil.
47. “Dar no pé”: ir embora.
48. “De conhém”: obliquamente.
49. “De fianco”: obliquamente.
50. “De flor na peruca”: faceiro.
51. “De fritar bolinho na graxa fria”: incorrigível.
52. “De pagar o pito”: fora de série, excepcional.
53. “De pelar o sabugo”: dar tudo de si.
54. “De talo erguido”: vencer com folga.
55. “Deitar a gadeia”: dirigir em alta velocidade.
56. “Deitar com o arreo”: afundar-se financeiramente ou adoecer.
57. “Desse mato não sai coelho”: todas as chances se esgotaram.
58. “Deixar pro beque”: assumir a responsabilidade.
59. “Deixe um casal de peixes!”: não seja egoísta!
60. “Derrubou um coqueiro”: tirou proveito em uma troca.
61. “Desculpa de peidorreiro é tosse”: justificativa esfarrapada.
62. “É largo, mesmo!”: tem sorte!
63. “Encepar o freio”: encarar.
64. “Encostador de cabeçário”: preguiçoso.
65. “Entojado”: antipático.
66. “Entregar a rapadura”: capitular.
67. “Escachar”: levar na brincadeira.
68. “Esconder a graxa debaixo da casca”: não se manifestar, esconder segredo.
69. “Especula”: perguntador, curioso.
70. “Espingardado”: amalucado.
71. “Espoletado”: amalucado.
72. “Estar coalhado de gente”: ter muitas pessoas.
73. “Estar com a burrada na sombra”: estar em boa situação financeira.
74. “Estar com os cobres desinteirados”: estar desanimado.
75. “Estar com um tufo”: estar endinheirado.
76. “Estar costipado”: estar resfriado.
77. “Estar meio chumbiado”: estar embriagado.

78. “Estar por cima da carne seca”: estar bem financeiramente.
79. “Estupor”: xingamento.
80. “Estrupício”: objeto não identificado.
81. “Eu vi o peirão”: demonstrar descaso.
82. “Falta de reio”: mal educado, sem juízo.
83. “Fazer um soaio”: aperitivo.
84. “Fazer um forro”: aperitivo.
85. “Fiaca”: preguiça, cansaço.
86. “Furar o toicinho”: ato sexual.
87. “Há de ter pra igualar”: o que há de melhor.
88. “Igual a tatu”: não se manifesta, esconde segredo.
89. “Infame”: mau.
90. “Já hoje”: recente.
91. “Jacu”: caipira.
92. “Largar mão”: desistir.
93. “Largo”: pessoa de sorte.
94. “Largura rinso”: pessoa de muita sorte.
95. “Lasca”: mulher bonita.
96. “Lasqueira”: mulher bonita.
97. “Lavou mio”: teve medo.
98. “Laxético”: xingamento.
99. “Limpe o trecho”: vá embora.
100. “Liso”: 1) sem dinheiro; 2) mau pagador.
101. “Maçarico”: avarento.
102. “Mais largado do que sítio de viúva”: abandonado.
103. “Malacafento”: mal vestido.
104. “Matar dois coelhos com uma cacetada só”: praticar uma ação e ter dois bons resultados.
105. “Matar passarinho com bala de canhão”: desperdiçar atitudes; cuidar de problemas sem importância.
106. “Metido a galo-cego”: orgulhoso.
107. “Metido a jacu-rabudo”: orgulhoso.
108. “Metido a sebo”: orgulhoso.
109. “Morfético”: pessoa inconveniente.
110. “Morto de cansado”: embriagado.
111. “Não dá no couro”: é fraco.
112. “Não emprenha e nem sai de cima”: está em dúvida.
113. “Não feda”: mudar de conversa.
114. “Não sair do virador”: perder rapidamente.
115. “Não se compra nabos em saco”: antes de fechar um negócio, deve-se ter certeza.
116. “Não se deite com o arreio”: não desanime.
117. “Nem não é”: concordar.
118. “Nem que tussa”: de maneira alguma.
119. “Nhantã”: pessoa tola.
120. “Nhengo”: pessoa tola.
121. “Nó-cego”: mau pagador.
122. “Núveo”: pessoa inconveniente.
123. “Paquera”: pessoa inútil.

124. “Passar sério igual a burro embarcado”: passar por outra pessoa e não cumprimentar.
125. “Pegar ar”: ficar bravo.
126. “Pegar o bonde andando e ir até a janela dar adeus”: aproveitar-se de uma situação.
127. “Picar mula”: ir embora.
128. “Pidão”: aquele que pede muito.
129. “Pidonho”: aquele que pede muito.
130. “Pinchar”: jogar fora.
131. “Pior viagem”: mau negócio.
132. “Picar o burro”: ir embora.
133. “Piubar”: bater na bola de bocha ou sinuca.
134. “Pode erguer o quadô”: mudar de conversa.
135. “Porquêra”: pessoa inútil.
136. “Procurar pêlo em ovo”: fazer uma busca inútil.
137. “Procurar chifre em cabeça de cavalo”: fazer uma busca inútil.
138. “Queimar o Pirelli”: dirigir em alta velocidade.
139. “Quieto lazo”: mudar de conversa.
140. “Rabo grosso”: caipira.
141. “Ratão”: penetra.
142. “Ratiá a baitaca”: fazer o máximo.
143. “Reinar”: teimar.
144. “Resbangüela”: resvalo, esbarrão.
145. “Ridico”: avarento, sovina.
146. “Sabe quando?»: impossível.
147. “Saco de sar”: estorvo.
148. “Samongo”: pessoa tola.
149. “Sanhaço”: pessoa que reclama sem motivo.
150. “São se lombo”: preguiçoso.
151. “Se avariar na capação”: atrapalhar-se.
152. “Se enxergue”: ponha-se em seu lugar.
153. “Seja”: antipático.
154. “Sem sal”: pessoa inútil.
155. “Sessenta fôia”: antipático.
156. “Siricutico”: mal súbito.
157. “Sucata”: pessoa inútil.
158. “Tá que nem palanque em banhado”: está indeciso.
159. “Torto no cabo”: pessoa desequilibrada.
160. “Tráia”: pessoa inútil.
161. “Tranqueira”: pessoa inútil.
162. “Trocar seis por meia dúzia”: ficar na mesma, fazer uma troca inútil.
163. “Troncho”: pessoa desanimada.
164. “Torresmo”: mulher bonita.
165. “Tranchã”: coisa boa.
166. “Tufo”: coisa boa.
167. “Você é meu e o boi não lambe”: bajulação.
168. “Você é meu e o tatu não fuça”: bajulação.
169. “Você me cardeia o virabrequim”: você me preocupa.

Referências bibliográficas

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- APPLE, M. W. *Políticas culturais e educação*. Porto: Porto Editora, 1999.
- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. 4.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- DE ALVA, J. K. *A caixa preta da sala de aula: destruindo falsos paradigmas do ensino superior*. In: RODRIGUES, G. et al. *V Fórum Nacional: ensino superior particular: Pedagogia das Incertezas*. São Paulo: LJM Gráfica e Editora, 2003.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FREITAS, M. T. de A. *Vygotsky e Bakhtin – Psicologia e educação: um intertexto*. São Paulo: Ática; Juiz de Fora, MG: EDFJF, 1994.
- LEITE, M. Q. Aspectos de uma língua na cidade: marcas da transformação social do léxico. In: PRETTI, D. (Org.) *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.
- PÉREZ GÓMEZ, A. I. A aprendizagem escolar: da didática operatória à reconstrução da cultura na sala de aula. In: SACRISTÁN, PÉREZ GÓMEZ, A. I. *Compreender e transformar o ensino*. 4.ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.
- PRETI, D. Variação lexical e prestígio social das palavras. In: _____. (Org.) *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.
- SODRÉ, M. Cultura, diversidade cultural e educação. In: TRINDADE, A. L. (Org.) *Multiculturalismo: mil e uma faces da escola*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.
- WYMAN, S. L. *Como responder à diversidade cultural dos alunos*. Porto: Edições ASA, 2000.

VASCONCELOS, M. L. Popular expressions: cultural patrimony to be assumed by the school. *Todas as Letras (São Paulo)*, n.6, p.73-82, 2004.

Abstract: *This article aims to discuss some questions about democratic education as: cultural diversity and identity; respect for students and their knowledges; popular knowledges and popular culture. The present text focuses on teachers responsibility for join to their educational activities, all the knowledges that their students could bring into school. Started with a role of popular expressions collected in Itapeva – SP, part of the oral communication from that neighbourhood, considered as a remarkable sign of that regional culture.*

Keywords: *Education; popular culture; cultural identity.*